

Ocupação Romana no subsolo da Travessa do Mercado (Vila Franca de Xira)

João Pimenta e Henrique Mendes¹
No prelo Revista *Al-Madan* 2006

1. Introdução (Razões da intervenção):

O trabalho de acompanhamento arqueológico da Travessa do Mercado (TM06) inseriu-se no âmbito do projecto de substituição da rede de esgotos, no subsolo desta artéria em pleno centro da Cidade de Vila Franca de Xira.

Esta obra implicou a abertura de valas de diversa profundidade, desde o seu cruzamento com a Rua Vasco da Gama até à Rua Dr. António José D'Almeida, (figura 2).

Apesar de outrora se situar fora do “núcleo antigo” de ocupação da Vila Medieval, o acompanhamento do projecto era essencial para aferir da existência de dados sobre anteriores ocupações nesta área da cidade e minimizar os eventuais impactos sobre estes.

2. Enquadramento histórico:

Pouco podemos dizer acerca do espaço alvo de intervenção. Situado na margem sul da Ribeira de Santa Sofia, trata-se de uma zona plana no sopé da ampla elevação da Costa Branca, com terrenos férteis e abundantes em água, reunindo condições propícias à implantação humana desde época recuada².

Os dados sobre a sua ocupação antiga são no entanto escassos, limitando-se à implantação a partir de época indeterminada, de algum casario nas imediações da antiga Estrada Real. Esta importante via, segue o traçado da antiga estrada romana entre *Felicitas Iulia Olisipo* e *Praesidium Iulium Scallabis*, como podemos comprovar na escavação do edifício do Museu do Neo-realismo, assumindo-se como o elemento estruturante do futuro urbanismo medieval e moderno³.

¹ Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

² Recentes trabalhos arqueológicos que temos vindo a desenvolver, no Vale de Santa Sofia atestam a ocupação humana desde a Idade do Bronze Final.

³ A escavação de emergência que conduzimos no âmbito da construção do futuro Museu do Neo-Realismo, permitiu identificar um extenso troço da primitiva via Romana (apresentando ainda 5.20m de

Disposto fora do primitivo casco antigo, a área em análise terá sido urbanizada apenas em inícios do século XX no âmbito do projecto de crescimento planeado sobre uma antiga área rural, a quinta do Serrado (Lucas, 2003, p. 112).

A intervenção teve início a 22 de Maio de 2006, e prolongou-se até 31 do mesmo mês. O acompanhamento da execução da obra, decorreu em simultâneo com a implantação das estruturas de saneamento tendo-se monitorizado todos os trabalhos com impacto a nível do subsolo.

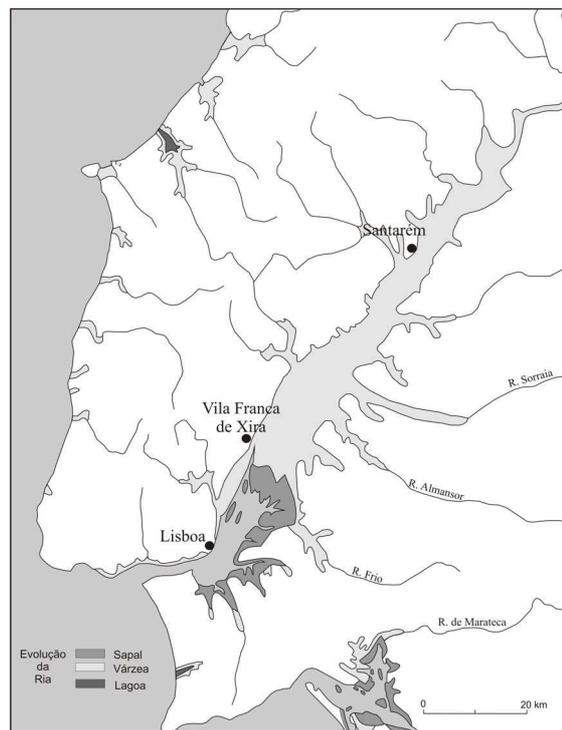


Figura 1 – Localização de Vila Franca de Xira no Vale do Tejo.

largura e 20m de comprimento na área intervencionada). A leitura em área da estratigrafia associada a esta grande estrutura, revelou-se particularmente interessante, tendo sido possível estudar as suas técnicas de construção, a sua fase de utilização e o progressivo abandono ao longo do tempo.

Nesta área efectuámos a seguinte sequência estratigráfica:

[UE 1] – Calçada de calcário branco. Século XX.

[UE 2] – Preparação para assentamento da calçada. Camada arenosa de tom castanho claro. Grão fino, medianamente compacta. Composta por areão e pedras de pequeno médio calibre.

[UE 3] – Camada argilo-arenosa de tom castanho. Grão fino, medianamente compacta. Composta por nódulos de argamassa branca e amarela dispersos, telhas e tijolos e pedras de pequeno médio calibre. Cerâmica comum e vidrada moderna, faianças e ossos. Preenche a UE [4].

[UE 4] – Vala para a implantação do esgoto (UE [5], [7]). Corta a UE [8] e cobre a UE [5].

[UE 5] - Tampa de esgoto UE [7]. Composto por grandes lajes calcárias afeiçoadas para o efeito. Cobre a UE [6] e [7].

[UE 6] – Camada essencialmente composta por material orgânico. Preenche o esgoto UE [7], ainda em funcionamento.

[UE 7] – Estrutura pétreia constituída por blocos calcários unidos entre si por um ligante de argamassa amarela muito compacto. Corresponde à caleira de esgoto desta artéria da cidade. Preenchido pela UE [6] e coberto pela UE [5].

[UE 8] – Camada argilo-arenosa de tom castanho-escuro. Grão fino, medianamente compacta. Composta por pedras de pequeno calibre, nódulos de argamassa branca e telhas de canudo. Fragmentos de cerâmica comum, vidrada a verde e faianças azul e branco setecentistas. Surgem ainda alguns fragmentos de cerâmica comum romana revolvidos. Cortado pela UE [4] e coberto pela UE [2].

[UE 9] – Camada argilosa de tom castanho-escuro. Grão fino, compacta. Composta por pedras de pequeno calibre, fragmentos de telhas e pedras de pequeno médio calibre. O espólio é numeroso e constituído por cerâmica de construção e cerâmica comum romana, fragmentos de ânforas e um fragmento de fundo de terra *sigillata* Africana. Cortado pela UE [4] e coberto pela UE [2]. Esta UE apenas se identificou numa área muito restrita das valas.

4. Sequência de Ocupação:

Sob os níveis de pavimentação actual UE1 e UE2, identificámos distintas realidades:

1 - Uma camada argilo-arenosa de tom castanho (UE3), muito revolvida que viemos a identificar como a camada que preenchia a vala de implantação (UE4) do antigo esgoto. A sua escavação revelou algum espólio cerâmico, muito fracturado e remexido alcançando um vasto espectro temporal desde meados do século XVIII a inícios do XX. Esta unidade assentava directamente sobre as lajes calcárias que constituíam o capeamento do esgoto ainda em uso (UE5). Após a sua limpeza removeu-se esta cobertura, revelando uma caleira de esgoto constituída por blocos calcários unidos entre si por um ligante de argamassa amarela muito compacto.

2 - Uma camada argilo-arenosa de tom castanho-escuro (UE8), medianamente compacta com uma espessura indeterminada, mas apresentando nos sítios em que foi possível ir mais fundo cerca de um metro e vinte centímetros. Esta camada encontrava-se cortada pela vala para implantação do esgoto (UE4). O espólio é pouco numeroso e muito fragmentado, tendo no entanto sido possível recolher algum material essencialmente cerâmico. Entre este destaca-se alguns fragmentos de panelas e malgas de cerâmica comum, bordos de grandes alguidares vidrados a verde e faianças azul e branco setecentistas. Uma análise preliminar deste conjunto cerâmico aponta para uma cronologia lata desde meados do século XVII a finais do XVIII. Surgem ainda alguns fragmentos de cerâmica comum romana revolvidos. As áreas em que podemos limpar os cortes não revelaram qualquer tipo de estruturas associadas a esta unidade estratigráfica, não sendo claro qual o seu significado. No entanto, parece-nos passível como hipótese de trabalho, de podermos estar perante uma situação de aterro progressivo e generalizado desta área a partir de meados do século XVIII.

3 – Junto à fachada do edifício n.º 4 a abertura da vala lateral, remexeu nos níveis mais profundos, contextos primários de uma anterior ocupação romana até ao momento desconhecida. Infelizmente não foi possível observar *in situ*, qual a correlação estratigráfica com as outras unidades aí identificadas. Esta camada, (UE 9), apenas foi possível identificar já revolvida no monte de terras ao lado da vala. É composta por um sedimento argiloso de tom castanho-escuro grão fino, apresentando-se muito compacta.

5. Ocupação Romana:

Apesar da exiguidade da área intervencionada o espólio é muito numeroso. Este caracteriza-se por uma típica patine, resultante de uma profunda erosão provocada pela circulação de água nos níveis freáticos.

O material exumado é maioritariamente constituído por fragmentos cerâmicos, à excepção de alguns elementos metálicos incaracterísticos.

O conjunto maioritário é o da cerâmica comum, sendo constituído por bordos de panelas, potes, malgas, um *dolium* e um almofariz (Figura, n.º 6, 7 e 8); com paralelos nas olarias Lusitanas de época Alto Imperial.

As ânforas estão bem representadas dominando os contentores produzidos nas olarias do vale do Tejo/Sado. Identificámos uma asa pertencente ao tipo Dressel 14 (Figura 3, n.º 6), e diversos fragmentos pertencentes a diferentes recipientes do tipo Lusitana 3 (Figura 3, n.º 2-4 e 7).

Esta característica forma de pequenas dimensões e bojo globular encontra-se bem atestada nos centros produtores do vale do Tejo, sendo-lhe conhecida uma abundante e bem documentada tradição epigráfica na olaria do Porto dos Cacos (Guerra, 1996 e Fabião e Guerra, 2004).

Entre os fragmentos desta forma, individualizamos um arranque de asa, evidenciando uma marca gravada na argila fresca (Figura 3, n.º 3, Figura 4 e Fotografia 1). Infelizmente a peça encontra-se em mau estado de conservação e não é totalmente clara a sua leitura. A marca encontra-se gravada numa cartela rectangular com cerca de cinco centímetros, sendo visíveis seis ou sete letras. A comparação com as marcas conhecidas não permite uma atribuição clara, no entanto afigurasse-nos possível como hipótese de trabalho a leitura [L TROIAN], com um nexu entre o NA, no entanto outras leituras se afiguram possíveis não sendo de afastar estarmos perante um selo gravado em *retro*.

Esperemos brevemente poder voltar a esta peça noutra enquadramento e após o seu tratamento e limpeza laboratorial.

As importações de produtos alimentares em ânforas da vizinha província da *Baetica* estão documentadas por dois indivíduos. Uma asa de ânfora oleícola do tipo Dressel 20 (Figura 3, n.º 5), e um bordo de uma ânfora piscícola do tipo Dressel 7/11 (Figura 3, n.º 1).

As cerâmicas finas de mesa encontram-se praticamente ausentes, tendo-se apenas recolhido um fragmento e fundo em mau estado de conservação de terra *sigillata* Africana Clara A, que aponta para uma cronologia relativa de meados do século II/III d.C. (Figura 8, n.º 19).

Por último as cerâmicas de construção encontram-se bem atestadas por diversos fragmentos de tijoleiras e cerâmica de cobertura como imbrices e tégulas (Figura 6, n.º 13).

6. Considerações Finais:

Apesar de todos os condicionalismos inerentes a uma intervenção desta natureza, o acompanhamento arqueológico realizado na Travessa do Mercado, veio a revelar novos dados sobre a história da cidade de Vila Franca de Xira, reforçando a importância da realização deste tipo de trabalhos.

Embora os primeiros indícios sobre a presença romana no subsolo da cidade de Vila Franca de Xira, datem já de finais do século XIX, quando na área da Quinta do Borrecho foram detectados “Ruínas de edifícios e tijolos” (Parreira, 1987-88b, p. 103), foi necessário aguardar pelo século XXI para que novas intervenções viessem trazer nova luz sobre estes dados.

A descoberta de uma ocupação de época romana no subsolo desta artéria, coloca uma série de questões, para as quais de momento não podemos apresentar mais do que hipóteses. Que tipo de sítio é este? Estaremos perante um casal agrícola de exploração dos férteis terrenos junto às margens do Tejo, perante uma *Villa* implantada perto da estrada romana, ou perante uma estrutura de apoio da própria via?

A análise do espólio recolhido apesar de não ser conclusiva, atesta a presença de importações de produtos alimentares do sul peninsular e de cerâmica fina do norte de África reveladores da presença de trocas comerciais ao longo do século I/III d. C. Em relação aos materiais de construção, estes permitem aferir da existência de áreas cobertas, tendo-se recolhido tégulas e imbrices, assim como construções indeterminadas, sugeridas pelos restos de tijolos e fragmentos de tijoleiras de pavimento.

A observação da dispersão dos materiais permite antever uma ampla área de ocupação estendendo-se pelo menos numa área de cerca de trinta metros, desde a porta do n.º 4 à porta do n.º 20 da Travessa do Mercado. Só a continuação do acompanhamento da

abertura das valas nas ruas limítrofes, permitirá limitar a sua real dimensão. Limite esse que necessariamente se deverá estender sob os actuais edifícios que ladeiam esta artéria até à estrada Real. Sobre os quais deve incidir especial cuidado no futuro, na realização de obras de reabilitação acautelando-se o devido registo arqueológico.

Bibliografia:

BANHA, C.M.S. (1991-92) – As ânforas da *Villa Romana de Povos* In *Boletim Cultural*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. N.º 5, p. 50-90.

DIOGO, A. D. (1987) – Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 5, p. 179-191.

DIOGO, A. M. D. (1996) - Elementos sobre ânforas de fabrico lusitano. In *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal. Lisboa: Dom Quixote, p. 61-71.

CAMACHO, C.; CALAIS, C; NUNES, G. (1996) – A presença romana no concelho de Vila Franca de Xira: Investigar, divulgar e animar. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Publicações Dom Quixote. Lisboa, p. 179-191.

FABIÃO, C. (1996) – Sobre a tipologia das ânforas da Lusitânia. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Publicações Dom Quixote. Lisboa, p. 372-390.

FABIÃO, C. (2004) - Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In *Figlinae Baeticae. Talleres, alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana. British Archaeological Reports International Series*. 1266, p. 379-410.

FABIÃO, C.; GUERRA, A. (2004) – Epigrafia anfórica Lusitana. Uma perspectiva. In *Epigrafía Anfórica. Proyecto Amphorae*. Col·lecció Instrumenta 17. Universitat de Barcelona. *Remesal Rodríguez J. (Eds.)*. Vol. 17, p. 221-244.

GUERRA, A. (1995-97) – A respeito do nome de Vila Franca de Xira. In *Boletim Cultural*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. N.º 7, p. 155-165.

GUERRA, A. (1996) – Marcas de ânfora Provenientes do Porto dos Cacos (Alcochete). In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Publicações Dom Quixote. Lisboa, p. 372-390.

GUERRA, A. ; BLOT, M. L.; QUARESMA, J. C. (2000) – Para o enquadramento do sítio de Povos, um estabelecimento romano do curso inferior do Tejo. In *Catálogo da Exposição. Senhor da Boa Morte. Mitos, História e Devoção*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 29-42.

HARRIS, E. C. (1989) – *Principals of archaeological stratigraphy*. 2nd edition, London-San Diego: Academic Press.

HARRIS, E. C. (1989) – *Principals of archaeological stratigraphy*. 2nd edition, London-San Diego: Academic Press.

LUCAS, M. M. (2003) – Vila Franca de Xira: História, Urbanismo e Identidade. In *Vila Franca de Xira, Tempos do Rio, Ecos da Terra*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 99-116.

MANTAS, V.G. (1993) – A rede viária romana do território português. In *História de Portugal dirigida por João Medina*. Ediclube. Vol. II, p. 313-230.

MAYET, F.; SCHMITT, A.; SILVA, C. T. (1996) – *Les amphores du Sado, Portugal. Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Diffusion de Bocard.

PARREIRA (1988) – Inventário do Património Arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira. Notícia da parcela 390-6. In *Boletim Cultural*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. N.º 3, p. 96-105.

QUARESMA, J.C. (2005) – Ânforas romanas provenientes da pesca de arrasto no Tejo, depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 8. Número 2, p. 403-428.

RAPOSO, J. M. C.; SABROSA, A J. G. & DUARTE, A. L. C. (1995) - Ânforas do vale do Tejo. As olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete). In *Actas do 1º congresso de arqueologia peninsular (Porto, 1993)*. 7, p. 331-352.

http://ads.ahds.ac.uk/catalogue/archive/amphora_ahrb_2005/

<http://ceipac.ub.edu>

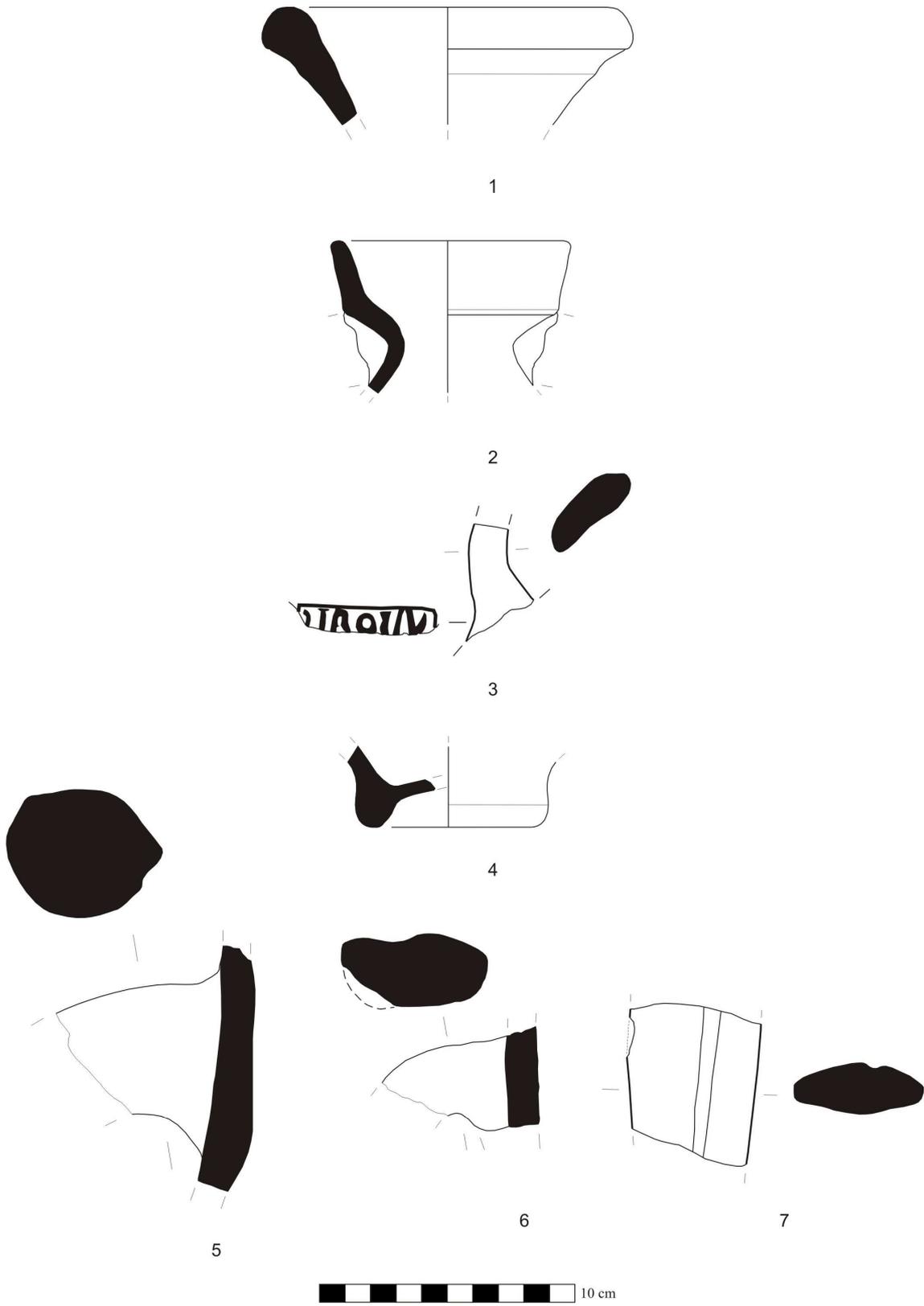


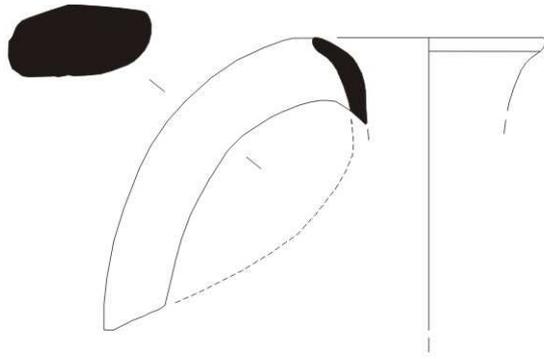
Figura 3 –



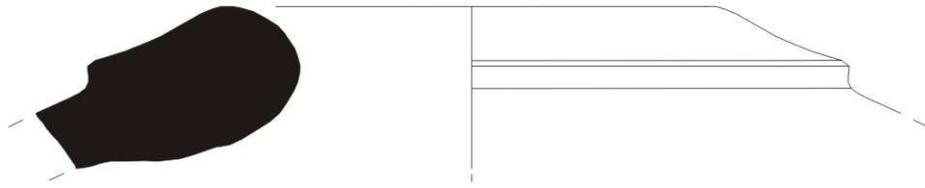
Figura 4 –



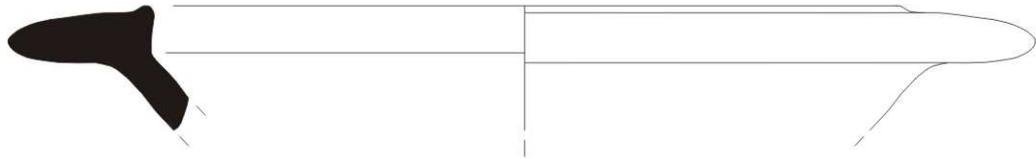
Fotografia 1 -



8



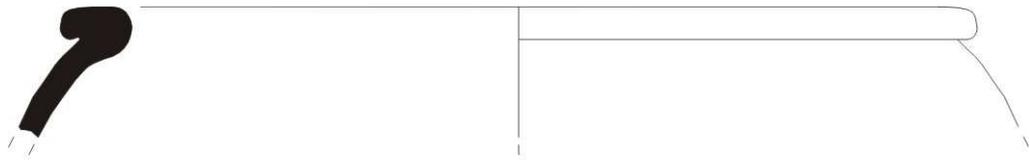
9



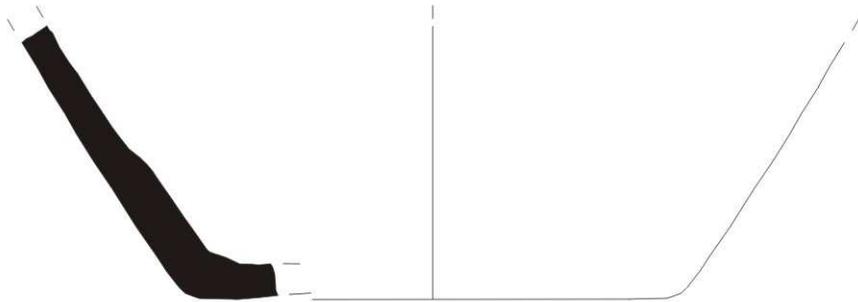
10



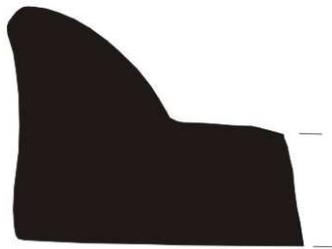
Figura 5 –



11



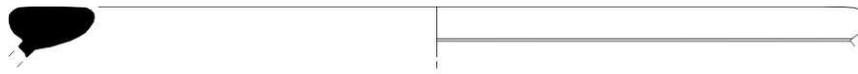
12



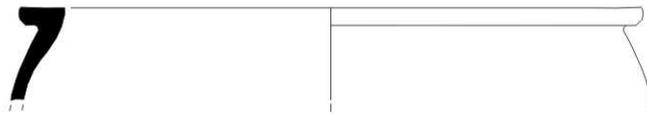
13



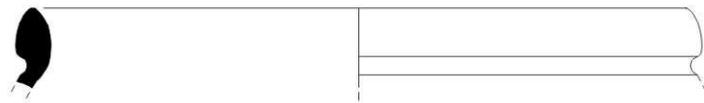
Figura 6 –



14



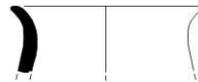
15



16



17



18



Figura 7 –

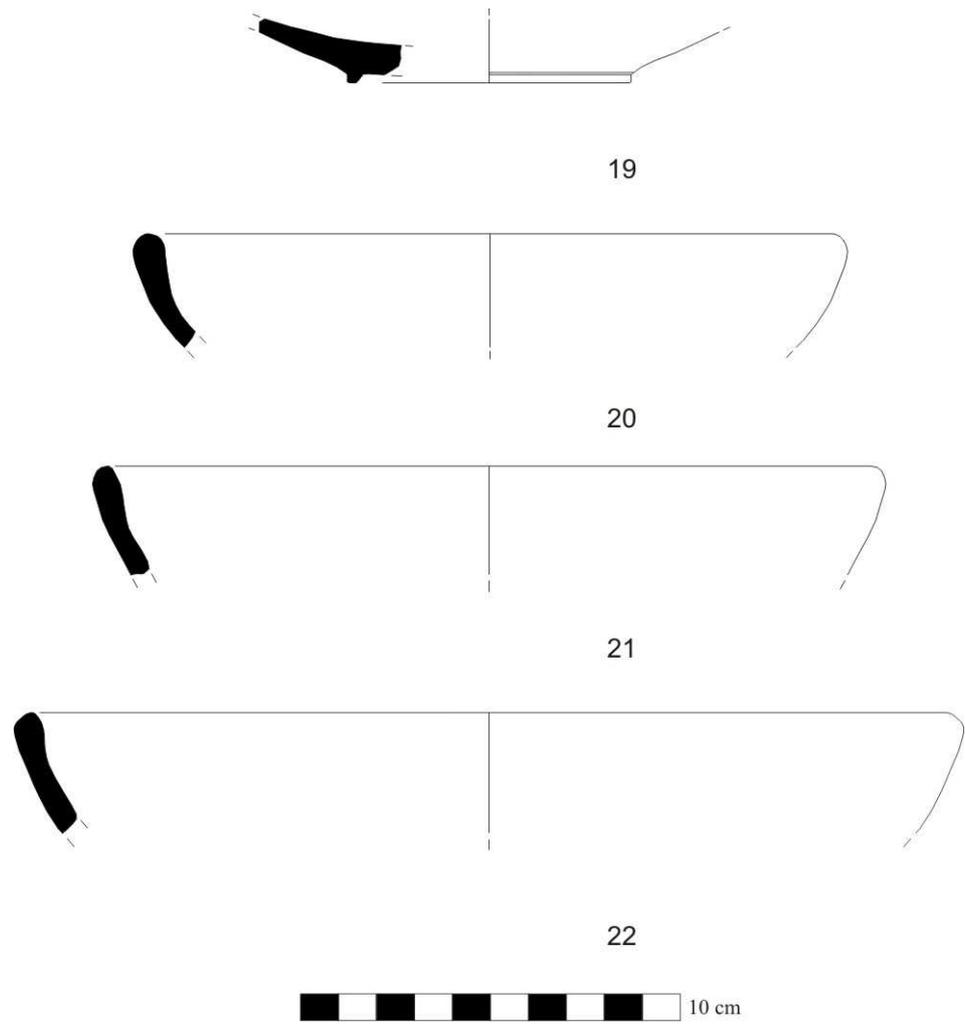


Figura 8 –